

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa-- 2 de Dezembro--1928

**5** *ing* **50** **50** **50**

**3.º ANO**



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **136**  
**fixe** *semanário*  
*humorístico*

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# A festa da familia... Oulmann



Afinal, o «Demonio da assembleia» não é tão mau... ricio como ele se pinta.

(O' tu, que tens d'Oulmann o gesto e o peito,  
Abraças o peré e pões-te a gelto...)

# N A T A L

## TESTAMENTO DO PERÚ

Eu abaixo assinado, Perú Velho de Barbas Encarnadas e Monco Caído, aqui deixo expressas as disposições da minha ultima vontade.

Nasci e vivi sempre na religião do Milho e espero vir a morrer contortado com os santos sacramentos das sopas de vinho, já que é costume etilizar os da minha raça, á hora da morte, talvez por saberem que nós somos filhos de uma perúa.

Não me acusa a consciencia de ter causado dano senão ás hortaliças, mas já o mesmo não posso dizer daqueles que me criaram e com quem sempre tenho vivido, que nunca perdiam nenhuma ocasião de me desgostar e aborrecer, correndo comigo dos sitios onde mais me agradava pastar, embirrando comigo e fazendo-me arrelhar com a velha cega-rega do— *Perú velho da Calheta, quere casar não tem jaqueta, só pelo prazer de me verem de monco caído como qualquer ministro demissionario.*

Como não tenho herdeiros, visto que todos os meus descendentes, como bons portu-guezes que são, emigraram para outras capoeiras, vou dispôr livremente de tudo quanto possuo, afirmando que me encontro no pleno uzo das minhas faculdades mentaes, em condições de lucidez suficientes para testar e até para ser acionista do Banco Lisboa & Açores.

Aos meus algozes deixo uma dôr de barriga para que se lembrem de mim até o Ano Bom e á cosinheira que me meter a faca deixo um soldado da Guarda Republicana, na esperança de que ele lhe faça o mesmo.

A' rapaziada dos jornaes que sempre se lembram de mim nesta epoca do ano, quero contempla-la de maneira especial e, assim, deixo ao Alvaro de Andrade uma peça japoneza que ele traduzirá do original, para o teatro Nacional do Alves da Casa-á-Cunha; ao Rogerio Perez, deixo a minha crista para o que ele julgar mais conveniente, lembrando-lhe em todo o caso

que não a desejaria vêr empregada em tapa-miserias; ao Artur Portela deixo a minha moela por saber que é miudo (a moela não o Portela) que ele muito aprecia, ao patrão Alfredo Pinto, deixo um lapis aparado para visar vales e recibos; ao patrão Pedro Bordalo deixo o Magnique, que é magnifico, para lhe engraxar as botas; ao Norberto de Araujo deixo uma quinta que tenho na semana seguinte á minha morte, para a sua pagina do costume; ao Felix Correia deixo um avião de celoloide e uma prima-dona para seu passa-tempo, com a condição de não uzar as duas coisas ao mesmo tempo; ao dr. Norberto Lopes deixo um

banco de cosinha para mandar transformar em banca de advogado; ao Stuart Carvahais e ao Ivo de Monforte, deixo a minha adorada esposa D. Perua, esperando que nunca se esqueçam dela, já que ela tambem os não deixa nunca; ao Esculapio deixo todas as minhas penas, umas para ele escrever as suas gazetilhas e outras para mandar fazer um fato de inverno, já que tudo lhe serve para a sua indumentaria; ao Antonio Maria Lopes, do *Seculo*, deixo todos os *reporters* e *informadores* do mesmo jornal, e quatrocentas ligações telefônicas já feitas, para que não deixe nenhum deles pôr pé em ramo verde, afim de evi-

tar que metam alguma falha no sobredito pé; ao Mario Salgueiro deixo o Duarte Viveiros para se entreter; ao Luiz Teixeira do *Diario de Noticias* deixo um pilar da Arcada que é o unico que não é capaz de lhe fugir; ao Julio de Almeida, deixo uma Caixa de Previdencia, já que, não sendo jornalista, não lhe posso deixar uma caixa jornalística; ao Belo Redondo, deixo o ultimo pio que der á hora da morte, para confeccionar a ultima piada; ao Luiz Figueira deixo um pente para o cabelo e uma plaina para a cara; ao Diamantino de Magalhães deixo um tratado de filosofia peruviana para não gastar a sua e ao Manuel das Neves uma navalha de barba.

Era minha intenção nomear meu testamenteiro o Acurcio Pereira, mas desisti dessa ideia por a lei não permitir que tal encargo se cometa a menores.

Quero ainda contemplar mais as seguintes pessoas:

Ao sr. dr. Julio Dantas deixo uns punhos de renda e uma cabeleira empoada; ao sr. Benoliel deixo o meu papo para o que não couber no dele; ao sr. Pereira da Rosa, deixo a Oulman e o Tamagnini Barbosa, ao Valença deixo a ponta das minhas unhas para quando quizer arranhar não gastar as suas; ao sr. José Parreira deixo um barril de agua e todo o meu cuspo para os discursos; ao sr. Almirante Gago Coutinho deixo as minhas azas que nunca foram capazes de voar como ele e ao Poeta Sevilha deixo aquilo que ele quizer dar aos outros.

Disponho ainda que o meu enterro seja civil e que os convivas que me comerem me reguem convenientemente de Burjacas, porque desejo ir de caixão á cova.

Recomendo a todos os meus semelhantes que não se metam na politica, porque já que nos aclimatamos na Europa, não ha razão nenhuma para andarmos a fingir de emigrantes e peço ao sr. Prata Dias que não me corte o ultimo pio.

## NATAL



—Ora bolas, este ano nem os ossos deixaram!..

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

O NATAL dos actores...  
Para eles também — nos tempos que vão correndo — ha o Natal!... Quando — já lá vão 20 anos — o ordenado do artista andava em dia e so não esperav pela receita diaria da bilheteira para se lhe pagar, o actor não sabia quando era o Natal! Hoje, não, tudo mudou. Rara é a companhia que traz em dia os ordenados! Mas vem o Natal... vem o Carnaval e tudo se endireita! Aparece dinheiro fresco, dinheiro do publico que só vai ao teatro pelas festas... Nessa altura, o empresario satisfaz os compromissos e paga a folha ou as folhas da companhia.

Chegámos quasi á conclusão de que o Natal é não só dos actores, como dos empresarios!...

Por muito má que a peça seja... o dia de Natal é certo, é garantido! Vê-se um publico desconhecido, um publico que não vai ao teatro... a não ser nesse dia!

O Natal da familia... acaba quasi sempre no teatro! E' habito... e o portuguez é um animal de habitos!...

Seja como fór, o dia de Natal é dia grande: para o publico, que tem mais uma teatradá; para o artista, que recebe o atrazado, e para o empresario, que se vê livre de alguns cães!

Daqui desejamos a todos os empresarios e a todos os artistas um grande Natal... um Natal chelo de felicidade e de alguns escudos...

A classe dos artistas teatraes é das mais atingidas pela crise. O publico abandonou-a... O publico gosta de ir ao teatro... mas não gosta de o pagar! Gosta de ver representar... mas sentado num *fauteuil* que lhe tivesse arranjado um amigo que tem qualquer conhecimento num jornal... ou com algum actor! Só de «borlas»...

No entanto, o artista é sempre chamado a colaborar nas festas de beneficencia... Nessa altura lembram-se dele... mas também não lhe pagam! Triste profissão!

O Natal! O Natal!  
O publico que este ano se não esqueça de encher os teatros! Deem ao menos a alegria de os fazer representar para uma plateia cheia! Deve ser tão desagradavel trabalhar para meia duzia de pessoas! O artista é feito pelo publico. E' o publico que o incita a trabalhar melhor, a educar-se, a estudar. Sem publico... o artista entristece! Sem alegria não ha arte! Como pode haver arte, fazer-se arte numa camara ardente? Um teatro vazio é uma camara ardente!... Por melhor que seja a peça, o ambiente so turno duma casa ás moscas, mata-a!...

O publico é a eterna creança! Afastou-se do teatro... mas volta! E' questão de tempo! Esperemos! Talvez o Ano Novo! Faltam 8 dias! Esperemos! Haja confiança em tempos melhores!

O teatro não morreu! Teve uma doença, uma doença grave! Está convallescente e precisa de repouso e bom alimento! Se o tiver, temos homem! O teatro quasi que renascerá! Havemos de ter ainda noites de gloria como já as houve! E' uma questão de inteligencia e boa vontade. Unam-se: empresarios e artistas! Cada um no seu lugar! Fóra a vaidade! O publico, sempre amigo de teatro, não o abandonará. Está só divorciado... Ainda volta a juntar-se! E' questão de tempo.

Hoje deve reinar a paz na familia — e artistas e publico são uma familia!

RECEBEMOS uma carta que merece ser transcrita nesta pagina. Assina-a um «Assiduo leitor e amator de bom teatro». Encerra verdades amargas. Não podiamos deixar de a publicar. Al a tem os leitores:  
«Sr. — Tendo lido no *Diário de*



### Os sapatos da actriz e o cão do empresario

Lisboa a noticia da distribuição da peça «O Domador de Sogras», reposição que vai ter no T. S. J., do Porto, e ainda em scea no T. P., despertou-me a ideia de ir assistir mais uma vez á representação dessa peça, para assim poder ver em pensamento os novos interpretes. Já bastante eu estra-

nhara que a actriz L. D., isto não falando dos outros, tivesse a infeliz ideia de aceder ao convite de ir desempenhar um papel que fóra criado e ainda desempenhado pela grande actriz A. A., mas, maior foi ainda a minha admiração quando vi que ao espectáculo a que eu assistia, assistiram tam-

bem algumas das novas interpretes. E' lamentavel que isto aconteça num país onde dizem haver *crise teatral*, pois assim não é de admirar que o publico dos teatros fuja espavorido de tanta barbaridade. Se a peça fór representada no Porto, como revista, as novas interpretes desempenharão, talvez, bem os seus respectivos papeis, isto não falando no desempenho masculino. Pena é que não deem uma serie de representações em Lisboa, para que nós possamos ver se a «imitação» se assemelha em alguma coisa á criação.

*Chacun á sa place* e haja mais consciencia, se é que os artistas portugueses não querem ver os teatros de Portugal transformados em cinemas.

Sem mais e agradecendo-lhe desde já a publicação desta carta, creia-me sempre o mesmo. — *Assiduo leitor e amator de bom teatro.*

Fala verdade esta carta. Estamos absolutamente de acôrdo. Onde vamos parar? Tenham, ao menos, vergonha!

AGORA por vergonha...

Parece que uma companhia teatral, envergonhada do que fez, resolveu fugir por uns dias de Lisboa... Será assim?... Ou o motivo é outro?

Nós, unicamente, registamos o boato...

O NOSSO PAI fez um inquerito sobre a sorte grande. O que fariam... se lhes saísse o «gordo»? Algumas respostas de artistas são curiosas, mas quasi todos tem uma preocupação: — Fazer um teatro... Ser empresario!

Lembro-me daquela frase dum estadista notavel: — «Onde está um portuguez, está um projecto!»

Relativo ao inquerito, poderemos dizer:

— Onde está um artista, está um projecto... de teatro!

TODO o artista, em geral, é ingrato. Pode dizer-se bem dele á vontade, fazer-se-lhe o maior reclamo, que é raro agradecer... nem com um simples cartão!

Mas basta um alfinetada, uma simples graça, para se enofrar, para se abespilhar...

A nossa ultima pagina deu motivo a discussões... a praguejamentos! Houve quem ficasse zangado! Já se não lembram do bem que se tem dito deles... e muitas vezes sem haver motivo para isso! Julgam que é obrigação reclamá-los, andar com eles ao colo! E' da vida; neste mundo nem tudo são rosas. Estudem, saibam do seu officio e apliquem-se ao trabalho. Não é só ganhar dinheiro... e dinheiro que o empresario não tem! E' preciso, sobretudo, pudor e no nosso teatro — infelizmente — ha artistas sem pudor!

VAI acabar o ano de 1928! Que as pazes se façam e que o bom senso entre nas cabeças dos dirigentes teatraes! Que esta secção não tenha motivos para lhes dizer verdades que deviam ficar no tinteiro... é o que desejamos!

Festas felizes e Bom Ano!

O Homem das 5 horas



João Ortigão Ramos — Empresario e Sportman

## BOM HUMOR

— O meu tio era tão valente que em cada batalha perdia um braço ou uma perna.

— E tomou parte em muitas?  
— Em mais de trinta...

\* \* \*

Alice: — Convidei para jantar o rapaz que dançou ontem comigo. Disse-lhe que não fizesse cerimonia. Viesses com o fato de trabalho.

O pai: — Que profissão é a dele?  
Alice: — Professor de natação...

\* \* \*

O capataz: — Onde vais?

O operario: — Cortar o cabelo.

O capataz: — O quê, nas horas de trabalho?!

O operario: — Para vê se nas horas de trabalho não me cresce tanto...

\* \* \*

— Já lhe disse que com tempo pagaria a conta.

— Sim, mas o patrão não se conforma!

— Como? Pois ele não sabe que o tempo é dinheiro...

\* \* \*

João: — Tu, na cozinha, a fazeres o jantar?!

Antonio: — Oh! meu amigo. E' preciso proteger o feminismo...

\* \* \*

Numa repartição publica:

— A declaração não está completa.

— Porquê?

— Porque o senhor diz que é novellista, mas não diz se sabe ler ou escrever...

\* \* \*

O benemerito: — Outra vez a mendigar na rua! Não te disse que fosses para a escola?

O garoto: — Ful, sim, senhor, mas não me quiseram dar esmola...

\* \* \*

Na aula de equitação:

Ela, que é bastante gorda: — Será verdade que a equitação diminui o peso?

Ele: — Não ha duvida! Este cavallo está muito mais magro desde que a senhora o monta.

\* \* \*

— Minha mulher nunca dorme antes das duas da madrugada. E' um habito que não perde.

— E o que faz durante esse tempo?

— Espera por mim...

\* \* \*

Ela: — Jorge, gostaria que não fumasses mais.

Ele: — Mas todos os grandes homens fumam.

Ela: — Bem. Então vais-me prometer que não fumas enquanto não fôres um grande homem...



— Ema, queres ser minha mulher?

— Não.

— Bem. Falemos de outra coisa mais séria.

FUME SUNRIPE

## O cão fantasma

— Ainda bem que te encontro! — exclamou com um grande entusiasmo o meu presado amigo Cunha Valente. — Ainda bem... homem... Ainda bem... Apertou as minhas mãos com mais perigosa efusão e prosseguiu:

— Tu és... Perdão... Tu vais ser o meu anjo da guarda. Ora ouve lá... Tu percebes alguma coisa de cães?  
— Cães? De que especie?  
— Daqueles que não largam a gente...

— Conheço... Conheço muito bem! — Ora, mas não conheces com certeza cães da força daquele... olha...

Olhei e de facto vi um cão que encarava comigo, com um olhar que parecia querer dizer: «isto não é nada contigo». Naturalmente, supondo tratar-se de qualquer aventura amorosa, esbocei um ar da minha graça.

O Cunha compõe uma expressão de valentia e diz-me, muito irritado:

— Não rias, demonio... Se o cão te vê rir perde-te o respeito, não te liga nenhuma e eu estou bem arranjado da minha vida...

— Mas que diabo terá o cão que vê contigo? — perguntei intrigado.

O Cunha responde:

— Mais do que tu imaginas. Este cão é a minha desgraça ha três horas. Eu perco a minha reputação, o meu futuro, uma noiva, uma ceia excelente, as palavras de um discurso que levo engatilhado; perco...

— Homem! Basta! Mas tudo isso por causa dum cão... Apre que é muito para um animal só.

— Pois é como te digo... Saí do escritorio ha três horas. Não sei porque estranha fatalidade, encontrei este maldito cão na escada. Saio a porta, e o demonio do cão pesata a perseguir-me. Apresso o passo e ele começa a fazer escovinhas á minha frente. Meto-me num carro e o ladrão não me larga. Chego a casa, mudo de fato, janto, e o demonio cá em baixo á porta, como um crêdor. Começo a desesperar-me com a historia. Assaltaram-me mil ideias. Pensei reclamar uma escada Magyrus, para que o cão, subindo por ela acima, desse lugar a que eu pudesse meter

pela escada abaixo e safar-me para a rua, sem que ele me visse. Pensei... Com tantas coisas em que pensava, esqueceu-me de pôr a gravata. Levava o chapéu velho, com o fraque novo, o que mereceu varios reparos offensivos da familia.

«Finalmente, saí, esperançado em encontrar uma ideia salvadora, um milagroso plano de fuga, porque imagina tu a figura que eu faria, ao chegar ao palacete das Pires, e o pégo do cão atrás, ameaçando, tremendo, capaz de subir a escada e entrar pelo salão.

«Com a cabeça perdida, quando me encontrei numa travessa deserta, dei-te a correr; meti-me, quasi dum salto, num «taxi» providencial, quando, — ai de mim, maldito bicho! — por causa dele, com o nervosismo de lhe fugir... esqueci-me do dinheiro em casa. Calcula o meu desespero: já á porta das Pires e ter de mandar o carro para minha casa, para buscar o dinheiro e pagar ao chauffeur. E agora supõe o meu terror quando o carro parou á entrada da minha casa e vejo o estafermo do cão, muito tranquilo, no humbral da porta, sacudindo o rabo, como se quizesse dizer:

«— Já cá te esperava.

«Mandei ao diabo o «taxi». Fiz festas ao demonio do cão, dizendo-lhe: «O' filho, vai seguir outro... Vem cá amanhã, cão da minha alma...» Qual. Era um cão terrivel.

Desisti das Pires. Mas como podia eu desistir?! O cão era o meu tormento. Eu não podia ficar em casa... Decidi sair para me distraír de tantas arrelias... Eis senão quando, appareces tu... O meu querido amigo... Salva-me!

Perante esta tão dramatica narrativa, não podia ter outra attitude senão esta:

— Deixa o cão amigo... Tenho um amigo que é pintor modernista e com certeza quer o cão para modelo. Comecei a fazer sinal ao cão, mas o animal, assim que ouviu falar em arte moderna, não sei que mosca lhe mordeu... Mas fugiu a sete pés...

## Elevador da Gloria

Um rapaz que ficara reprovado num exame manda a seu irmão o seguinte telegrama:

«Fiquei reprovado. Peço-te que prepares o papá.»

Três horas depois, recebia a resposta assim concebida:

«Papá preparado. Prepara-te tu.»

\* \* \*

Após uma formilavel batalha contra os mouros, um joven official espanhol pergunta a outro, que é casado:

— Porque será que os mouros são tão corajosos?

— Porque o homem que tem mais duma mulher enfrenta a morte com mais heroísmo do que aquele que só tem uma...

\* \* \*

Abraão, senhor dumá grande fortuna, é um modelo de economia. Gasta apenas o necessario, e sempre que a familia necessita de alguma coisa, compra não o melhor mas o mais barato.

Abraão entra num consultorio dentario com cara aflita. E para que o dentista não lhe leve muito caro, vai dizendo:

— Doutor, são três dentes cariados para arrancar, mas nada de anestésicos. Apenas a extracção brutal. A'vante e coragem, meu caro doutor.

— Admiravel! — diz o dentista, maravilhado de tanta energia. — Sente-se na cadeira e vamos á operação.

— Eu? — interroga, espantado, o Abraão.

— Pois claro!

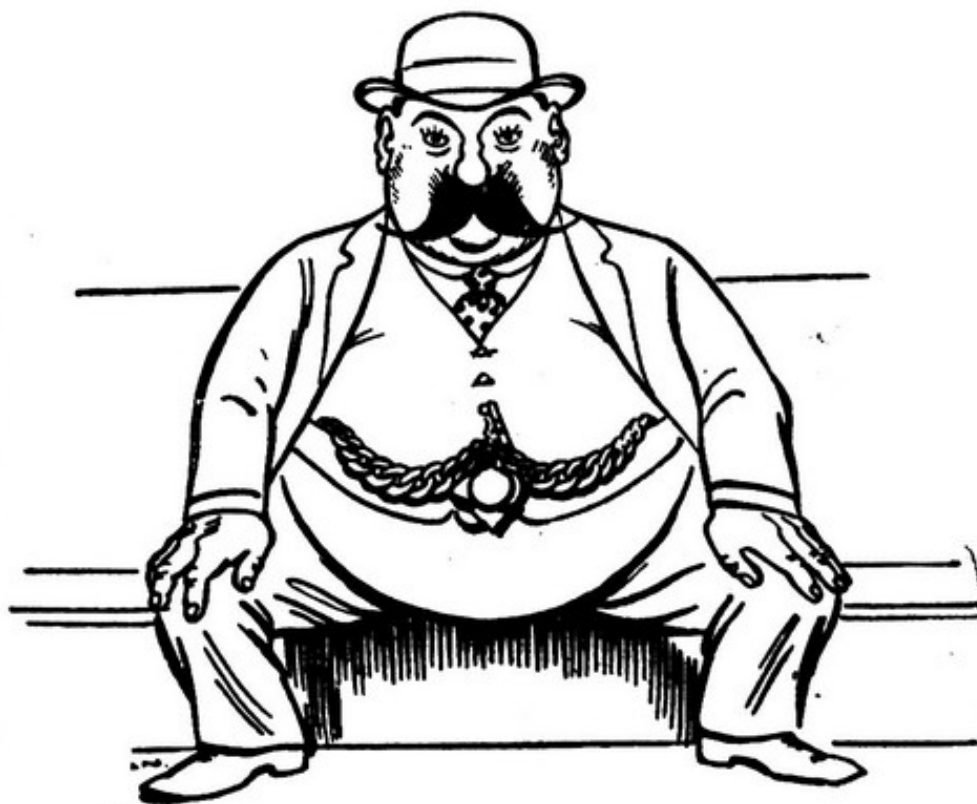
— Não sou eu, senhor doutor. Quem tem os dentes cariados é minha mulher, que está ali fóra, na sala de espera.

## Quereis ser assim rico?

Porque não joga nesta loteria?

São 1.000.000\$00

O premio que José Pedro vende



Sempre sortes grandes

173--RUA ARCO BANDEIRA--173



— Queres dar-me a honra desta dança?

— Perdão, mas ainda não lhe fui apresentada.

— Que tem isso? Eu tambem não, mas não ligo importancia a futilidades.



— Cuidado com o peso, porque a minha patrão disse que no bife da fralda, que ontem me vendeu, faltava bastante.

— Oh! rapariga, é para seguir a moda.

# O prato do dia

Num *restaurant*, um destes fregueses que embirram com tudo, que reclamam por nada e que para medida rem vir uma sopa e dois ovos frios, percorrem a lista cinco vezes, perguntando ao criado a composição de quasi todos os pratos, entrou, sentou-se, bateu as palmas, refilou com duas nodas de vinho na toalha e, depois de pedir a lista, mergulhou-se, como de costume, durante dez minutos, no exame detalhado ás varias iguarias.

O criado, que já o conhecia de ginjeira e estava farto de o aturar, foi atendendo outros fregueses.

Quando ele o chamou, veio de mau modo, aguardou que ele virasse mais uma vez a lista por todos os lados e lhe pedisse afinal uma sopa de legumes.

O criado, já para o arrelliar, perguntou logo:

— E depois, os outros pratos?  
— Depois veremos, respondeu o fregues contrariado.

Pouco depois chegou a sopa fumegando e o fregues, depois de a examinar detidamente, de ter limpo cuidadosamente a concha ao guardanapo e de ter pregado no prato três assôpros á provavel poeira acumulada sobre a loiça, começou tirando o caldo.

Porém, ao fazer o transporte da segunda concha, ficou suspenso a olhar prato e, depois de olhar detidamente para o caldo, rapou dum palito, pescou qualquer coisa imperceptivel e, chamando o criado, gritou-lhe, grunhindo:

— Ora vê lá isto! Parece impossível.  
— Mas o que foi — perguntou o criado, de mau modo, mirando por todos os lados o palito espetado nos dedos tremelos do fregues.

— Então não vê? Parece impossível o que esta sopa trazia: uma aza de mosca...

— Ora — fez então o creado, virando as costas, por oito tostões queria talvez que lh'a trouxesse com uma aza de avião...



O Zé: — E não ha maneira de ver estes brinquedos pendurados.



... na rua da Escola Politecnica. Mas ontem disseste que tinhas estado no Rossio?

— Sim, filha, mas é que eu ontem não estava em estado de pronunciar Po-li-te-cni-ca...

# O presente do Natal

O sr. Bonifacio, durante o dia, não se lhe tirava esta ideia da cabeça.

— Hoje é vespera de Natal. Preciso de colocar uma surpresa nos sapatinhos do garoto. Convém não esquecer...

De facto, era preciso ter muito cuidado em não lhe passar da ideia o brinquedo para o filho, porque varias e desencontradas ideias baralhavam no seu cerebro e todas para ter resolvido no mesmo dia. Dos seus pensamentos avultavam, especialmente, estas cogitações:

Na vespera, começou a fazer serviço na sua casa uma criada nova, que ele considerava um verdadeiro presente do céu, e ao mesmo tempo tinha uma ceia combinada entre os consocios de um recatado club de campões do copo.

Com tantos projectos, o sr. Bonifacio devia naturalmente esquecer-se de cumprir alguma coisa e essa coisa foi justamente o brinquedo para o filho.

Quando se encontrava na ceia com os amigos, proximo da ultima garfada do peru, atirou um formidavel berro.

— O diabo do mundo! Lá me esqueci do brinquedo para o rapaz!

Como pensou na casa, a proposito do garoto, lembrou-se da creada. Encheu mais copos e acabou por esquecer tudo, tudo menos a creada.

\*\*\*

Quando o sr. Bonifacio entrou em casa, embora levasse as ideias muito confusas, verificou que a creada estava a pé, que a senhora estava deitada, que o menino não berrava pelo brinquedo e que nem o gato nem o cão deram o sinal de alarme.

Entrando (ele ia bastante entrado) no terreno das verificações, confirmou a sua opinião de que a creada

era um excelente bocado, empurrante é doce como um bolo-rei...

A certa altura, a creada dizia ao sr. Bonifacio:

— Filho, que vais fazer?

Bonifacio exclamou:

— Vou pôr qualquer coisa na chaminé para o menino... O rapaz não pôde ficar sem um presente do Menino Jesus.

— Mas ele não pôs lá as botinhas — informou a creada.

— Não faz mal... Eu tenho remedio para tudo...

E saiu muito contente, de tudo e das suas ideias.

\*\*\*

— O' Maria! Maria! — gritava, muito contente, o filho do senhor Bonifacio. — Venha vê o que me appareceu na chaminé... Apareceram estes sapatos e dentro encontrei... Venha vê... Venha vê...

A mulher do Bonifacio deu um pequeno grito de surpresa:

— O' Mariana, que gentil...

Eram os sapatos da creada que o filho do Bonifacio tinha nas mãos.

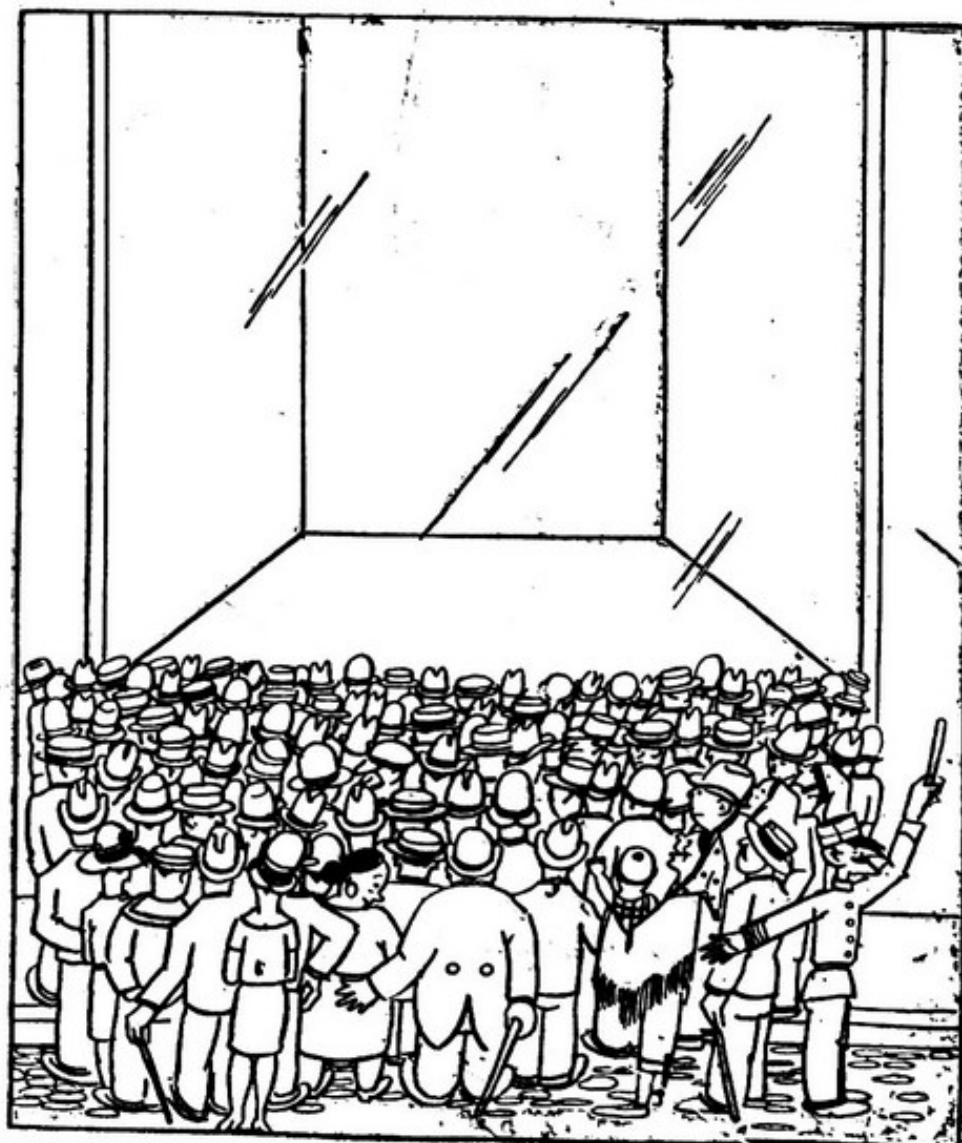
— Vês — dizia o pai — como tu não puzestes os teus sapatos, o Menino Jesus agarrou nos sapatos da Mariana só para não faltar com o presente.

— E o que é o presente... Vamos lá a vê...

O Bonifacio ia estragando tudo com uma exclamação traiçoeira. Com a bebedeira, ele trouxera do club um paliteiro, e foi este simbolico presente que ele foi colocar nos sapatos da Mariana.

Todos riram muito, e como era o dia da festa da familia, a mulher do Bonifacio fingiu que não percebeu, mas, no fim do ano a creada foi procurar vida nova.

## ASPECTOS DO NATAL



O transito interrompe-se. As lojas abarrotam de gente. A policia toma medidas extraordinarias para regularisar a entrada nos estabelecimentos porque todos comprem TODDY. Todos tomem TODDY. E até o policia de «casse-tete» no ar diz que melhor que TODDY só TODDP.

# Uma grande inovação

Todos supunham que os mastros que vieram substituir no Rossio os antigos postes de iluminação eram meramente transitórios até que os novos postes — os definitivos — se inaugurassem. Puro engano. Sabemos de fonte segura que a iluminação daquela praça vai passar a ser sempre transitória. Isto é, vai adoptar-se aquele processo, já conhecido, dos coretos de ida e volta.

Assim, os mastros em estilo de arcaico, hoje existentes, serão os adoptados por ocasião dos festejos populares de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, tendo apenas a mais varios festões á veneziana. E o sistema de iluminação irá variando conforme as épocas, as datas e os acontecimentos cidadãos.

Em dias de funerais de qualquer vulto eminente — funerais nacionais — serão substituidos por tocheiros. Em dias santos, por candelabros de velas de cera. Em dias de grande gala, recepções diplomaticas, etc., por candieiros de pé, com ricos *abat-jours* de seda, dos mais chics. Em momentos de crise financeira municipal, por candieiros de petroleo, e quando a Camara nem para petroleo tiver, por candelas de azeite de três bicos, o qual será automatico e indicativo de que o caso está bicudo.

Quando estiverem suspensas as garantias, haverá candieiros de suspensão, e quando houver revolução não haverá candieiros. Nessa altura também não são precisos e não correm assim o risco de se quebrarem.

A C

## Carta de Boas-Festas a uma leitora

Leitora do meu ideal,  
Já pensou na jantarda,  
Na delicia estomacal  
Que ha de haver na consoada  
Dêste proximo Natal?

Ja pensou no corpo nu  
Daquele belo animal  
Que é assado mesmo em cru  
E a que o nosso Portugal  
Coctuma chamar peru?

Já pensou no terno brilho  
Do chamado bolo inglês  
Que arde em vermelho rastilho,  
Já pensou na solidés  
Da rija brôa de milho?

Já pensou no são conforto  
De toda aquela fornala  
Capaz de animar um morto,  
Já pensou na rabanada,  
Pensou no vinho do Porto?

Por isso, cara bonita,  
Deixa que o meu alaúde  
Manifeste a sua dita...  
— Leitora, á vossa saúde  
E que o Natal se repita!

E. F.



— Você não sabê que não é permido sacudir tapetes depois das 9 horas?  
— O tapete que tenho entre mãos sacudo-o quando me apetece.

FUME SUNRIPE

## UM SABIO que se conhece...

Malaquias Camelo da Costa, por alcunha *O Arrobas*, era, por assim dizer, um grande benemerito da população duma pequena aldeia da Beira Beixa.

Puzeram-lhe esta alcunha e com justificada razão pela força muscular de que era dotado, pois agarrava em meia dúzia de arrobas da mesma forma e feitio com que despejava no buxo uma litrada de vinho carrascão.

Viera para Lisboa aos 21 anos, como soldado de artilharia, e devido à sua força aproveitaram-no para ajudante de ferrador dos cavalos do regimento. Foi quanto bastou para *O Arrobas* ir dizer para a sua terra que era ajudante de veterinário na tropa e que era muito entendido em todas as doenças.

Isso valeu ao *Arrobas* ser desde logo considerado na terra medico-cirurgião-dentista-especialista de todas as doenças de crianças, adultos e velhos, visto lá não haver pessoa alguma que, como ele, fôsse tão entendida no assunto.

Quando qualquer cliente o procurava, queixando-se de dores de dentes, ele dava-lhe imediatamente remédio radical. Mandava-o sentar num banco e ia buscar a ferramenta, que constava de uma torquês, um alicate, um martelo e varias outras peças. Metia o joelho á barriga do freguês, pegava no alicate, metia-lho dentro da boca, agarrava no dente e... zás! Era tal qual como quem tirava uma rôlha de uma garrafa... «Agora — dizia ele — *escupa*, que isso passa...»

Para todas as doenças arranjava remédio analogo...

Ora, um dia, andava um trabalhador a semear batatas na quinta do benemerito *Arrobas*. Era quasi ao anoitecer, pouco faltando para largar o trabalho. De subito, o homem larga a enxada e parte numa correria doída para casa do seu amo, gritando: — *Acudam... acudam... Vi agora o diabol...*

Logo o *Arrobas*, como pessoa inteligente e culta, pretendeu socegar o homem, dizendo que era impossível o que ele julgava ter visto, pois não passava certamente da sombra de qualquer passaro que por ali passou. Mas o homem é que não se conformava e dizia:

— Era o diabo, tenho a certeza que era ele; era assim do feitio dum burro.

— Ora, não se assuste, — acudiu logo o *Arrobas* — era eu que estava da parte de cima do quintal e o que você viu foi a minha sombra!...



— Toma, caluniador. E agora val dizer que a sogra te trata mal.



— Ai, Benito, que cansada estou de andar toda esta rua.

— Consola-te, mulher, que a rua também o ha-de estar.

# O valor de X

Ontem, no Café, encontrei-me com o meu amigo Barata. Depois dos cumprimentos de estilo, mandou vir dois dedais de café, que pagou por dois escudos. Palido e triste, entretinha-se vendo as espirais de fumo dum cigarro provisorio, que se vende em embalagem definitiva. Estranhei-o.

O meu amigo Barata, que habitualmente era alegre, é agora, coitado, muito triste. E, enquanto eu fazia duzias de suposições sobre as possíveis causas da sua tristeza, o Barata chorou. Chorou, eu vi... Vi umas gotasinhas rolarem nas suas faces sardentas. E, comovidamente, disse-lhe: — Que tens, Barata amigo?

O Barata suspirou e novamente fez dos olhos conta-gótas. Eu receei que o café lhe fizesse mal e... bebi o meu e o dele.

O Barata chegou-se para mim e, depois de limpar os olhos, disse:

— Escuta. No liceu que frequentei havia muitas meninas. Brancas, pretas, péras pardas; enfim, havia de tudo. De todas elas, uma, que era branca de tez e de nome, interessava-me bastante. Só eu e os meus livros e cadernos sabíamos do meu grande amor, porque nêles, nas margens, eu confessava-o. Quiz Deus, um dia, estreitar as nossas relações e mandou-a para o meu explicador de matematica. Em Janeiro do ano passado, quando foi para o meu explicador, o nosso amor aumentou. A Branca, que se mostrara escura em negocios de amor, que me dera sempre uma grande sorte de costas, embora que pouco a pouco, voltou-se. Apesar de estudarmos as potencias, o nosso amor parecia uma progressão geometrica crescente. Mais uma lição... e o amor crescia, crescia...

«Aqueles olhos vivos, expressivos e modestos, aqueles olhos estonteadores, tinham reflexos metallicos e scintilações de candieiro avariado.»

«Embora eu lhe consagrasse um grande amor, o Pedro — assim se chamava o explicador — detestava-a. Quantas vezes ele lhe disse: — A menina é um X. Não se sabe quando tem a cabeça para cima ou para bai-

xo. Sabe e não diz e diz sem saber. — E quantas vezes, tambem, eu recordei o dito do mestre. Quantas vezes sonhei com aquele X e com o seu valor.

«Quem me dera — dizia eu — saber quanto vale o X da D. Branca. Ignorava, é claro, como devia proceder para o conseguir; porém, depois de experimentar obter o resultado desejado pelas proporções e pelas equações, optei pela regra de mistura. Sobre a secretaria estudava-se a materia e sôb ela comprimia-se. Assim foi passando o tempo e assim ia sonhando com ela; com aquele X, com os dois riscos que, cruzados, o formam e com o seu valor. Terminou o ano lectivo quando estudavamos a regra de três. Não quiz continuar os estudos e casei com a D. Branca, solenemente, no palacio do conde de Andeiro.

A todos succede isto: casei sem saber quanto valia. Dediquei-me ao negocio. Negociava com solas, cabeçais, queijo e palitos. Em Junho ultimo, um importante negocio de palitos forçou-me a fazer uma viagem ao estrangeiro e, em Alcochete, demorei-me até catorze de Setembro, dia em que parti, a fim de passar o dia quinze com a minha esposa.

«Quinze de Setembro! Naquele dia tencionava comemorar os onze meses de casado. Mas, quando cheguei a casa, encontrei a casa onde viveu... Ela havia fugido. Fugira com o primo Inacio. Naquele momento é que eu consegui saber o valor de X. Aquele X misterioso, aqueles dois riscos cruzados que o formaram, des-cruzaram-se. Aquele X, portanto, ficou igual a 11... A 11 mezes de ilusão.

«E' por isto que eu choro. Eu fui o culpado porque me ausentei. Foram os palitos. Nunca me esquecerei daquele negocio, em que perdi dinheiro e a minha mulher.

Escutei atentamente a confissão do meu amigo Barata e, limpando duas lagrimas que rolavam nas minhas faces, exclamei: — Coitado!

Viterbo de Campos.



Deseja ser elegante nas suas danças? Aprenda os tangos, os foxes, valsas, etc., com o professor Madrugo, e assim dançará sempre modernamente e com elegancia. R. Palma 224, 2.º, Esq.

## HISTORIA VULGAR

### A mulher dos 2 chapéus

Ela era linda, desejavel, deliciosa... Ele era inflamavel, vivo e muito amavel...

Abordou-a. Ela consentiu. Ofereceu-lhe qualquer coisa que se bebe, numa casa de chá. Ela bebeu.

Depois fez-lhe um longo discurso, inspirado por um desejo breve mas ardente. Ela sorriu — mas não quiz segui-lo, imediatamente.

Então, propôs-lhe um novo rendez-vous. Ela teve um gesto de quem não aceita, mas não recusou.

Ele tornou-se romantico:

— «Se você soubesse... Só a conheço ha uma hora, mas você impressionou-me de tal modo que julgo tê-la conhecido sempre... Parece-me que a reconheceria entre cem... entre mil...»

Ela sorriu de novo, mas tão discretamente que ele nem viu. E, ao despedir-se, disse:

— «Pois bem! Seja! A'manhã, ás duas horas, estarei nos Restauradores, em frente da Arcada de Ouro...»

— «Como você me faz feliz!»

— «Veremos...» — concluiu ela, sorrindo pela terceira vez.

No dia seguinte, á hora marcada, ele foi ao local marcado.

Esperou duas horas. Nada! Retirou-se, desolado e mal disposto.

Ora, ela tinha, de facto, vindo. Mas tinha mudado de chapéu. E ele não a reconhecera...

Mas como ele tinha prometido reconhecer-lhe a entre cem... entre mil... — ela foi-se embora, pensando:

— «E' um mentiroso!»

## As capas do "Sempre Fixe"

Encontram-se á venda, na nossa administração, as capas do "Sempre Fixe" primorosamente ilustradas por Francisco Valença.

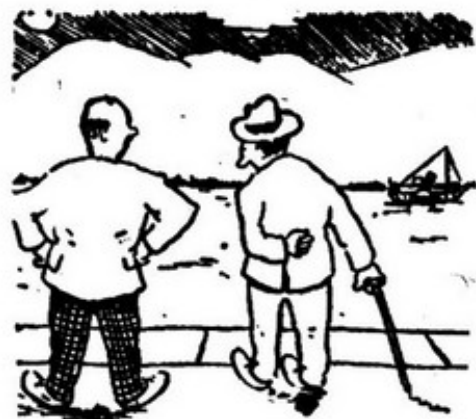
Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 40\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correlo.



— Você julga que disparando daqui, a bala chegaria ao cume do monte?

— Sim, com a condição de dar em seguida outro tiro.

— Não compreendo.

— Sim, homem, para que a segunda bala empurre a primeira.

## Filho de peixe

Do sr. dr. Tomás Ribeiro de Melo recebemos duas cartas e duas certidões, para demonstrar que seu filho, Rodrigo Vitor d'Albuquerque e Melo, também é neto do poeta Tomás Ribeiro, em resposta ao sr. dr. Tomás Ribeiro Colaço, que afirma o contrario. Isto era assunto para ser tratado por um genealogista, mas, na ocasião, não temos nenhum á mão. Lembra-mo-nos de recorrer ao sr. Perry Vidal, mas alguém nos sugeriu que, para um caso tão pequeno, não valia a pena incomodar uma pessoa tão grande. Vamos, pois, a ver se nos arranjamos com a prata da casa.

O sr. dr. Tomás Ribeiro de Melo enviou-nos certidões donde se conclue que, efectivamente, seu filho é neto de Tomás Ribeiro. Quanto ao mais, não é assunto proprio da indole do *Sempre Fixe*, embora nas certidões haja por vezes alguns pontos humorísticos.

Nós não temos nada com a questão. Publicámos a carta do sr. dr. Tomás Ribeiro Colaço e publicamos estas explicações do sr. dr. Tomás Ribeiro de Melo apenas no intuito de satisfazer duas pessoas que nos merecem a maior consideração.

Humorístico não é, mas podia ser mais triste.

## IRONIAS

Dizer que é mau e galderia,  
Ninguém a isso se afoitel  
Coitadinha! E' muito séria  
Mas sae ás onde da noite...

Está de luto, podem ver  
Que é todo crepe o vestido...  
— Quem sabe se p'ra dizer  
Que tem vaga de marido?!

Passaste. Ouvi murmurar:  
— «Reparem que tem subido!»  
— Quantas não querem trepar  
Ao alto que tens subido...

Reparem! Mas que elegante!  
Tanto luxo, até faz dó!  
... Dizem que tem um amante...  
Comenta o do lado: — Só?!

Anda de seda e veludo  
E que elegancia de pé!  
— Mas traz a camisa róta  
E não a despe ha um mês.

O chapéu é o mais *chic*  
Que se pode imaginar...  
— Ando já com ele ha tempo...  
Mas 'inda está por pagar...

L. F.



--Não pense... Deseja fortalecer-se?  
--Tome ORDISI.

## Inovações para facilitar o transito



O transbordador imantado



O comboio tunel

## Maneira pratica de fazer um aparelho da T. S. F.

Quem se predispõe a obter um aparelho de T. S. F. sente, ao principio, esta preocupação diabolica: aquisição de «bago» para a compra das 2.536.173 peças indispensaveis ao bom funcionamento dos concertos ultra-magnéticos.

Vencida essa naturalissima dificuldade, dirige-se o aspirante a «t. s. fista» a qualquer caixoteiro, a fim de encomendar uma caixa em forma de dominó, com varios orificios destinados á colocação de diversos parafusos e respectivas porcas — alemtejanas, de preferencia — sem as quais se não poderá ouvir os «grunhidos» maviosos do posto de Monsanto.

Uma vez a caixa confeccionada, compram-se 50 metros de fio... *da Escocia*, cinco lampadas... *maravilhosas*, dois cabos... *de vassoura*, sete *punaises*, uma campanula octogona, duas *pilhas*... *de azar*, três metros de arame farpado e cinco duzias de galenas.

Juntam-se estes objectos todos num alguidar de zinco cheio de agua tépida. Deixa-se passar um quarto de hora. Em seguida, deve-se colocar as peças acima mencionadas numa panela de aluminio. Vai ao fogão. Espera-se que levante fervura. Depois de se verificar que não existe falta de tempero, retira-se a panela do fogão, passadas 24 horas.

Assim obtem-se, finalmente, o desejado aparelho de T. S. F. quer, além de servir para concertos internacionais, pode ser utilizado — e não utilizado — para a exterminação de ratos, percevejos, baratas, filoxeras, bichinhos de conta, sendo também um poderoso auxiliar na *ondulação hertziana*, a unica que rivaliza com a *Marcelle*, aquela rapariga artritica que costuma passar, todas as manhãs, pela Azinhaga das Murtas.

## FOLKLORE

O teu pai quiz-se matar  
E enguliu um fosfro amorto;  
Se não lhe acudo depressa,  
Tu 'stavas agora orfo.

FUME SUNRIPE

## Corneteiro economico (Conto mudo)



*Atendendo a que é preciso muito "milho" para alcançar um peru este ano, o SEMPRE FIXE leva a sua generosidade ao ponto de oferecer um a cada leitor. Bom apetite!*





## O meu suicidio

Presado director:

Está á porta o Natal, festejado dia que coincidirá com o meu funeral, que, embora não seja de primeira classe, ha de marcar pela ausência dos amigos, excepto do Ivinho, que á saída do cemiterio irá cair para o «Manoel» dos Passarinhos». Vou-me suicidar heroicamente! O motivo? Explico: Luto com uma falta de assunto que até faz doer a vista e pôr os cabelos em pé a um calvo. Nomeio testamenteiro o meu querido amigo Magno, com agencia funeraria na rua de Santa Marta, e espero que ele cumprirá á risca as minhas ultimas vontades, que são:

Lego ao meu querido director o Dicionario de Candido de Figueiredo, que até á data nunca me conseguiu elucidar.

Aos meus filhos a collecção do *emprego Fixe*, para nas horas amargas da forca da vida desopilarem os figados, que não são muito bons.

A uma conhecida poetisa, dois exemplares da *Ironia Pagã*.

Ao meu illustre amigo Alfredo França lego-lhe o meu camarada Idéme e os painéis da Brasileira, tão complicados que até torceram os miolos a muita gente.

A' minha mulher deixo uma certidão de viuvez e uma cautela de penhores referente a uma caneta de tinta permanente.

Aos meus queridos pais, o direito de ficarem com o meu cadaver e a consolação de poderem limpar as mãos á parede pela bonita obra que fizeram.

Ao meu querido amigo dr. Manoel Magno o segundo e terceiro andar do predio n.º 136 da rua de Santa Marta.

Por ultimo, deixo ao meu cerebro, que não me deu assunto para a cronica de hoje, duas balas explosivas e de efeito fulminante!

Rocix.

**Quereis dinheiro?**

Jogai no

*Lama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!



— Ha três anos que tenho este chapéu de chuva...

— Então já era tempo de o restituir, não acha?

## Dois contos... em prosa

### Para as crianças maiores de sessenta e picos

Era uma vez, não um gato, mas um rei felino que, desconhecendo em absoluto a arte de governar os povos, precisou de pedir uns cobres emprestados para fazer uns reparos na corôa. E não foram poucos os espinhos que picaram a cabeça desvalrada da pobre e augusta magestade. Mas, como no reino da Parvolandia, ainda ha homens bons e de coração, o sei saiu-se de apuros porque um desinteressado cidadão, embora reinadão, vendo o fracasso moral do homem de sceptro e manto — sceptro retorcido como as coisas retorcidas, manto arremendado como as coisas arremendadas — emprestou-lhe a bonita soma de dois ocntos, estes em bom metal sonante. Claro está que o homensinho foi, no dia imediato, agraciado com a Ordem de S. Frapisco.

— E que fez o rei? — perguntarão, interessados, os leitores do mais que *Fixe*. — Simplemente isto — acreditem na voz do avôsinho que conta a historia: Dirigiu-se, sem mais aquelas, apesar dos conselhos do seu primeiro ministro, a casa da sua criada de quarto, como quem diz, aia da rainha, pespegou-lhe dois longos e reais troca beijos e, como retribuição, meteu-lhe as duas grandes palpulas mesmo na flôr da liga — pois já havia, desde ha muito, grandes ligações entre o augusto D. Panfucio e a boa Leocadia. E a corôa não sofreu ainda reparações...

Moral do conto: quem empresta não melhora. E, hoje, o cidadão que livrou o rei de apuros femininos anda a pedir esmola para poder dar um beijo, mesmo venenoso, na sua cara metadê... A marota fugiu de casa e deu tambem para ser reinadã, explorando os papalvos.

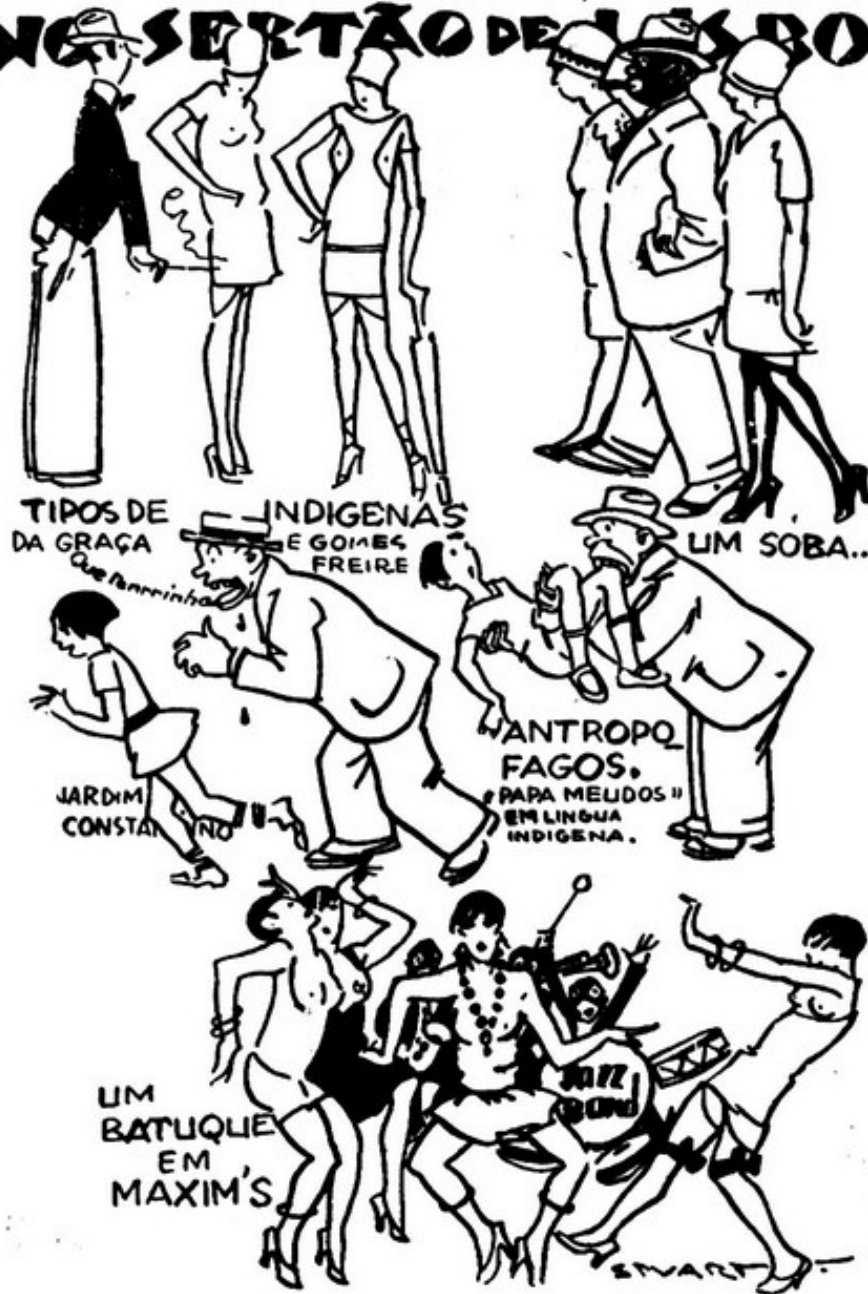
\*\*\*

Numa noite fria e invernosa como um café a ferver, uma estrela, mensageira de Marte, lembrou-se de ir visitar um sentilista, a fim de acordar com o pronto estabelecimento de ligações traças-pontuativas entre a Terra e o Céu. E a iluminada estrela sair-se hia bem da sua missão se não tivesse encontrado no caminho o grande Pitagoras, afamado descobridor das estrelas teatrais. Este, assim que a viu, tomando-a como qualquer Stachino, Auzenda, Palmira, Hortense ou mesmo Beatriz, embarrilou-a com promessas e, a breve trecho, a estrelinha estava sem fios... de fazenda, pois que ela vinha de fantasia, isto é, envergava um fato á paisã, todo puxado ás canelas...

Outra moralidade: quem quer progresso nesta terra tem de sujeitar-se a precalços. Se Marte não fosse ingenuo já a esta hora estaria traçado o ponto entre as duas grandes potencias: Portugal e o acima mencionad precursor da sciencia — Marconi!

Ivinho.

## NO SERTÃO DE LISBOA



## Conhecimentos uteis

Durante seculos, uma velha crença mantinha como aforismo indiscutivel que o vinho era um produto liquido, originario da uva. No nosso tempo, muita gente persiste ainda na mesma crença errada, não obstante o desenvolvimento notavel do progresso scientifico. Hoje, com os recursos que a quimica oferece a todo o estudo, está mais do que provado que o vinho é o resultado de uma combinação de varios ingredientes dissolvidos na agua.

Outra crença não menos arreigada era a de que certas especies de vinho possuíam o caracter de determinadas regiões. Assim, durante seculos, correu mundo, invadindo a sciencia, a arte e a literatura, a ideia de que o vinho do Porto era um liquido recolhido do sumo da uva apanhada no Porto e fabricado na região Douro. Descobertas mais recentes e estudos minuciosos de sabios e experimentadores, provaram que o vinho do Porto é um produto que abunda em muitos armazens de Hamburgo, França, etc.

No seu aspecto historico, o vinho tem antiquissimas e formosas tradições. A bebedeira de Noé ainda hoje é um tema de exame para distintos arqueologos. O vinho andou sempre ligado á arqueologia. Uma das mais curiosas manifestações da industria moderna é a descoberta do segredo de fabricar vinhos antigos. Uma garrafa de vinho do Porto com teias de aranha anima no espirito dos bons coleccionadores de bebedeiras a ideia clara de que teria sido a carraspana do patriarca Noé.

Voltando á composição quimica do vinho, insistimos em vulgarizar que o vinho é um dos muitos sucedaneos da agua. As modernas observações psicologicas assim o comprovam. E' sabido que o vinho age nas facultades daqueles que o ingerem. No belo trabalho do dr. Carrascon ficou bem demonstrado que, em 100 bebedos, 95 por cento atribuem ao efeito da agua bebida durante a refeição a acção perturbadora da digestão, o que varias pessoas chamam «piéla».

São, pois, os proprios bebedores que, sem o perceberem, atribuem á agua a força e o efeito que muitos teimam em atribuir ao sumo da uva. E' devido a este facto, incontestavel e defendido pelos melhores tratadistas, que alguns sucedaneos do vinho, como «agua-pé» e «aguadentes», conservam o radical: «agua».

O vinho, no nosso tempo, perdeu muito das suas caracteristicas, especialmente a tradição do folgado. Actualmente, o seu consumo é mais difundido, como agente terapeutico. E' muito applicado nas dores de cotovelo e exerce uma acção benefica no tratamento da melancolia e varias afecções nervosas da algibeira.

**Sortes grandes!**  
só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77



Cavalos alimentados a Ordix!

FUME SUNRIPE

# Quem vê caras... O grande Elias em todos os tempos

Paymira Beleza, da casa dos Lombardas, era o que se chama uma beleza de hortaliça. Aparentada com os Carrapatos em linha de Sintra, foi desde muito moça para casa de seus avós, ilustres fidalgos em Aíhos Vedros. Ali, conheceu seu primo Narciso de Rabanete, com quem casou aos 19 anos, passando, por consequência, a chamar-se Palmira Beleza de Rabanete.

Palmira, pelo seu temperamento fofoso e artritico, exigia de seu marido os mais arriscados exercicios e as fantacias mais estranhas, que ele secundava com sacrificio, por a sua compleição fisica não permitir excessos imoderados. Assim, a vida da-quele casal decorria agitada, quer em cavalgadas por montes e vales, quer em *ginastica sueca*, quer em esgrima, tenis, tiro ao alvaro, dança, natação e cinemas. Narciso definhava á vista desarmada e, *ipso facto*, começou a recusar a companhia a sua esposa, dando-lhe, é claro, liberdade para continuar os seus desportos predilectos, conforme é uso e moda entre pessoas que se prezam de *chics...* (não confundir com as botas d'elastico).

Num dos seus passeios marítimos, deparou-se-lhe, nadando em sentido contrario, um elegante *aspirinha de mirante*. Vê-lo, amá-lo, segui-lo foi obra do Diabo e, desde esse dia, Narciso esperou em vão, de *escada*, a volta ao lar da sua Palmira. Esta demorou-se com o seu aspirante de marinha em explorações oceanograficas, e não voltou. Narciso, que era uma boa pessoa, conformou-se. Chegaram-lhe aos ouvidos boatos pouco favoráveis sobre a conduta da esposa, mas ele não acreditou e atribuiu tudo ao *sport*, á terrível mania do *sport*. E conjecturava: — «Ela ha de voltar, quando se fartar. E assim foi. Uma manhã, quando Narciso mastigava uma insípida torrada, bateram á porta e, momentos depois, surgia-lhe na frente Palmira, mais bela, mais galante, mas mais palida.

Narciso abraçou-a com ancliedade, estreitou-a no peito e por entre lagrimas de alegria disse-lhe ao ouvido, baixinho:

— E agora com que cara é que eu hei de aparecer na rua?

Palmira, prontamente:

— Com a que tens. Basta rapar o bigode.

## M. A. Caso Velho.

O optimista ouvindo o concerto Phillips



— A precisão do tempo é boa, as acções subiram de curso, esta noite haverá concerto... Sinto-me satisfeito. Oxalá não me salvem antes dessa hora.

O grande Elias conheci-o; conheci-o e lembra-me...

Não tinha ele a condição primacial para poder governar-se, isto é, não sabia talvez viver. Era *trouxa*.

*Trouxa* é uma palavra muito empregada nos tempos modernissimos e que, segundo o celebre dicionario de D. Asnaticolmenso, significa—ser são, ter nobre, ter caracter e dignidade. Tambem se emprega esta palavra para significar um avantajado embrulho que as saloias levam á cabeça; para um conhecido doce que se vende geralmente nas pastelarias, confeccionado com ovos, etc.

Mas, voltando á *vaca fria*—o que terão as pobres das vacas com isto! —o Elias tinha todas as condições para ser um encravado. Tinha quasi o curso dos liceus, que era uma grande palermice. Tinha um curso de artes, outra grande asneira. Era culto, inteligente, activo e energico. Em resumo, era um grande alarve e, além disso, *trouxa*. — Já expliquei o que significa a palavra neste seculo do progresso.

Pois este homem, a par do que apontei, era filho dum advogado que tinha a infelicidade de ter merecimento, mas que ganhava pouco por ter-se lembrado que tinha coração.

Empregava com vontade o Elias todo o seu tempo á sua vida de artista, pois era escultor e pintor, tendo nome á custa do seu trabalho intenso e luta perseverante.

Fugindo ás «sociedades onde a gente se diverte» e onde geralmente se fala bem e nunca sobre a vida do proximo, ele entendia empregar o seu tempo vago, não nesses ambientes, mas sim procurando outros meios de vida para se poder manter.

E assim levava o nosso heroi os seus dias falando a este, áquele, aquele outro, indo aqui, acolá, etc., etc. Uma vez, querendo falar ao conhecido X. sobre certo trabalho, mandou-lhe o seu cartão. Ao ser recebido cheio de sorrisos, cheio de apertos fraternais, sentou-se numa *chaise* a convite, falando assim:

— Senhor X., sei que você necessita de um individuo para a vaga que tem no «atelier». Lembra-lhe, pois, o meu nome, o meu trabalho. Não tenho cartões de apresentação, mas creio que me conhece... Eu gostava... Tinha muito prazer...

O X. ouviu-o e disse-lhe: — Oh! meu caro, se fôsse ha mais tempo!... Que pena!... Porque não veio mais cedo. No entanto... talvez... Vá aparecendo... Vá descansado...

Outra vez, falando ao Figada, expunha-lhe ao que ia: questão de trabalho, que tinha prazer, o seu nome, a sua vida, etc., etc. Mais sorrisos, deferencias, confidencias do Figada, que lhe dizia:

— Olha, tenho aí um negocio bom. Primeiro vamos ás ilhas... Aquilo é lindo! Depois possivelmente ao Perú. Guarda segredo. Olha, jantas amanhã comigo. Vai descansado, vai... E' uma tentativa!

E os dias iam passando e o Elias ia falando ao A., ao B. e ao C., na esperança de se tirar do descanso, isto é, de ter realmente descanso, que fi-

nalmente conseguia quando se entregava ao Morfeu, sujeito muito conhecido de nós todos.

No entanto, — vá lá de má-lingua — as vagas que se davam, os trabalhos que era preciso fazer, eram dados a muitos lindinhos que tem a leviandade de vir a este mundo meter-se em coisas que não entendem, pois que andam atacados desde ha muito de etilismo, epidemia que grassa desde o aparecimento da Uva, isto é, fruta mais antiga que o nosso Pai Adão, que procurou com uma folha da dita ser um pouco mais decaen. porque, segundo consta, foi uma cara sem vergonha.

Mas vamos ao caso: Uma vez, o nosso Elias, estando em casa a descansar, olhando o seu quarto cheio de descansos, recebe o seguinte bilhete que lhe dá o Energias, carteiro da area, e lê:

«Meu caro:— Logo que este recbas, vem imediatamente. Negocio urgente. Guarda segredo.

Teu certo amigo, Tonturas.» O nosso homem, cheio de tonturas, veste-se rapido com um fato que estava a descansar, e segue direitinho ao amigo ansioso. Uma vez junto do Tonturas, que sorriu e lhe apertou as mãos, ouve:

— Afinal, ainda bem que vieste. Vi ontem o Oliveira... Ele disse-me que, se a coisa pega... Acho que deves estar descansado. Fuma um cigarro...

Vi, outra vez, o nosso heroi ouvindo o Paciencias, conhecido homem de sangue-frio, que lhe falava sobre uma exposição.

— Sabes, tenho fé desta assentada. E tu vais expôr. Já falei á Aurelia. Agora podes estar descansado, a não ser que... Agora sabes, isto está muito mau, não ha dinheiro!... E' a crise, é o Diabol!... Isto está mau! Muito mau!...

«Sabes? Vou... mais a patrão fazer um veraneio de uns dois meses... Bussaco, Luzo, Curia, etc., etc. Bom. Não ha dinheiro... Tem paciencia. Fica descansado...

Como o Elias foi meu visinho, segui-o, pois ia tambem para casa. Ao entrar a porta, cumprimentamo-nos e a criada que o veio receber diz-lhe:

— Olhe, menino, ainda não lhe passei as calças, mas eu passo, fique descansado.

Então o nosso homem resolve descansar, procurando um sóro para dormir af uns grandes quinze dias, mas lembra-se que precisa de ajudar a familia e delibera por sua vez dizer ao senhorio, ao padeiro, ao alfaiate, ao leiteiro, á criada e á mercearia o que tanto ouvira:

— Estejam descansados... Isto agora vai. Jantam amanhã comigo, não me falem com as compras. Não falto, creiam. Que ideia!... Vão descansados. Descancem...

E... fez a seguinte conclusão o meu visinho:

— Enfim! Estou emfim descansado. Eles afinal são meus amigos, é boa gente e, finalmente, o descanso tambem é um emprego onde vemos perfeitamente que podemos estar descansados...



— Bom, está tudo bem, mas que vem a ser esse embrulho mais pequeno?  
— E' o vestido de sahida da senhora...

# Charadas em fraze

Com meia pipa apanho uma ave que se cria nas farmacias. — 1-2.  
Solução: *Pirota*.

Tem o carneiro um astro para se cobrir. — 1-1.  
Solução: *Lançol*.

Não digo que a nota faz suar. — 2-1.  
Solução: *Calore*.

Se em publico combate, é porque usa chanfalho. — 1-2.  
Solução: *Puliça*.

Em giria repara que é um papo seco. — 1-2.  
Solução: *Ginota*.

Encontra-se no mercado que se realiza neste dia da semana. — 2-2.  
Solução: *'Sta-feira*.

Vem da China um numero com que se faz um licôr francês. — 1-2.  
Solução: *Châtreze*.

A preposição comum de dois tem o amigo na barriga. — 1-1-1.  
Solução: *Embiga*.

A letra do escarumba é um passaráo. — 1-1.  
Solução: *Pirun*.

Com o pronome, que é uma bagatela, qualquer pessoa é perita.  
Solução: *Ténica*.

Com a capa do batraquilo, corre para o mar um homem que tem officio. — 2-1-2.  
Solução: *Oparario*.

# Teus dentes brancos

Desculpa-me a sentida confissão que, meu amôr, mais uma vez te faço; mas o poder estranho da paixão juntou-me a ti num indestrutivel laço.

Quero-te tanto, que o meu coração, tremulo de carinho e de embaraço, ilimitou a vida na ilusão de te crêr infinita como o espaço.

Amo teus olhos cuja côr ignoro, e teu ciclar dulcissimo, sonoro, e o teu grácil sorriso de trocista.

Forém, teus dentes de uma enorme alvura lembram-me o preço de uma dentadura que te paguel ha dias no dentista.

## Augusto Ricardo.



— Já sei. Agora chego a casa e a estúpida da minha mulher ha-de temar que eu estou utilisado.

## "Herr" I R

Vamos contar-lhes um caso verdadeiro, passado num daqueles confortáveis carros electricos do Porto.

Os alemães tem na generalidade, como é sabido, uma grande facilidade em assimilar o português.

Havia-se instalado na cidade Invicta o nosso amigo Herr I. R. Meschilhão, com uma bagagem duma centenas de palavras portuguesas, as suficientes para se fazer entender pelos inteligentes tripeiros (cánudo!) e que dia a dia iam sendo enriquecidas por outras que, ouvidas aqui e acolá, eram retidas pela sua boa memoria. Assim, do seu vocabulário, fazia parte a palavra «gaja» que ele ouvira a torto e a direito, desde que pisara terra lusitana.

Mas, a definição que lhe dera era muito diferente daquela que realmente a palavra tem. Supunha ele que, tratar-se uma senhora por «gaja», equivalia a dar-lhe uma roda superior á de excelência.

Fôra o nosso amigo Herr I. R. Meschilhão apresentado a uma elegante família portuense, da qual faziam parte duas meninas «esterilizadas», daquelas que reveem os olhos e fazem boquinhas quando falam com qualquer barbudo portador de calça de balão.

Ora, dias depois de ter travado este conhecimento, o digno representante da imperial republica encontrou-se com as tais meninas num «abondo» para a Foz, que casualmente não levava nenhum passageiro pendurado no «troiey». Tratou de, na sua algarviada, saber do estado geral da saúde das indígenas e do destino que levavam. Completamente alucinado e certamente porque a língua não lhe chegava para mais, só abriu bico quando o condutor veio cobrar o bilhete.

— Três Foz.  
— Para quem são? — perguntou o funcionario, com aquela delicadeza que lhes é proverbial e desferindo o mais casto dos sorrisos.

Herr I. R. Meschilhão, indicando as senhoras suas conhecidas, proferiu as seguintes palavras, que certamente já ha muito ruminava para serem applicadas naquele momento.

— Uma bilheta para mim, duas p'ra'queelas «gajas»

F. G. Costa.



— Que estás fazendo?  
— Estou mudando a hora para poder afirmar á minha mulher que não estou entre as 10 e as 11



— Ouve, Izidoro, eu gostava muito daquele solitario de 15 contos... E o anel de três contos... e a pulseira de dois contos...

— Pelo que vejo queres solitario muito bem acompanhado.

## CARTA DA AMADORA

Oh! minha linda Amadora!...  
(Verso unico, canto 1.º dos «Lusiadas» de Alfredo Canalizador).

Meu caro Sempre Fize:

Depois de uma longa viagem no «sud» salão, ao pé de duas velas, um cesto contendo um gato com os competentes carapaus e uma meina demasiadamente historica, cheguei aos Estados Livres da Amadora, vulgo Porcalhota.

Vim fazer a minha cura de... aguas da Mina.

A' minha chegada, na estação, abriam alas varios exemplares, dos dois sexos, da fauna da ridente povoação. Todos eles me olhavam sobrebrancamente, parecendo desejar gritar: «Olhe que eu sou d'Amadora. Ouviu?»

Muni-me então dum «cicerone», que meti debaixo do braço, o qual amavelmente se havia prontificado a mostrar-me os encantos da terra.

E com a ajuda de tão util quão indispensavel apetrecho para quem viaja por estas paragens, foi-me dado arregalar o olho com as belezas que passo a descrever:

**Largo da Estação.** — Notavel por três palmeiras que, pela sua conformação, as faz semelhantes a uma familia composta de pai, mãe e filha. Estão colocadas no sitio onde se pensa fazer um lago, um pouco menor que o do Campo Grande, com gondolas e um restaurant numa ilha central, servido por meninas com ricos trajes regionais.

**Avenida Gago Coutinho.** — Interessante á noite, pela feerie das suas belas lampadas electricas, semelhantes a chuchas para creanças, servidas em grossos palitos, no gosto das que havia na Avenida da Liberdade, antes da plantação do nabo.

**Avenida dos Arames.** — Elegante, por usar cintas e espartilhos. É pena ser continuamente desfiteada pelos transeuntes.

**Salão de Festas.** — Sempre estreitas de «films» que se exibem ali uma unica vez e que passaram pelos cinemas da capital ha muitos milhares de anos.

**Club Amadora.** — Onde se realizam, por vezes, interessantes festas em que as Pires e as Lucas das nossas relações esgançam as vizinhas e dão á perninha.

**Jardim da Estação.** — No estilo gotico, com alguns pés de craveiro e duas roseiras desfloradas. Dois vasos de truz, etruscos enfeitados por duas odoríferas sardinheiras. Urinois e retretes com guarda-vento, por causa dos ventos contrarios.

**Estação propriamente dita.** — Belo edificio de azulejos com motivos regionais, no genero do Café Nacional. Curso de má lingua, todas as noites, por eximias cultoras da canção nacional.

**Mina.** — Agua multissimo potavel, com varias applicações terapeuticas, exportando-se em larga escala, em garrafas de cinco litros. Acabam de descobrir-se as suas propriedades gazonas, propondo-se um grupo de capitalistas fixes montar, junto dos seus ricos mananciais, uma fabrica de pirolitos e gazonas.

**Bairro Parque da Mina.** — Varias edificações modernas no estilo americano de desarmar, tendo sido a maior parte dos «croquetes» (no dizer de alguém da terra) feitos pelo architecto Salvador. De inverno, carreiras de vapores de meia em meia hora, partindo da estação.

**Circo.** — Pensa-se em estabelecer um circo, tendo-se já adquirido um «alfante», que fará «alfantias», e um casal de «leonas» muito ferozes. Estes simpaticos animais domesticos encontram-se em exposição nas montas do Grandela da Amadora.

E... Sempre Fize amigo, não te digo mais nada. Aparece por cá, se queres gosá-los.

F. G. Costa

## Razão de pezo



— Porque será que o peru vae atraz d'aquello senhor?

— Não, vês que ele leva uma perua.

## Um freguez muito exigente

Num restaurant da Baixa, certo freguez chegado ha pouco da provincia mandou vir a lista e, depois de hesitar um pouco, indeciso, mandou vir, para começar, uma sopinha de rabo de boi. E aguardou o regresso do criado com certa impaciencia, nascida do apetite provocado pela viagem e no fundo uma certa curiosidade por travar relações com uma sopa de que nunca tinha «ouvisto alumiã».

Pela sua fantasia passou uma sopa suculenta, com muito entulho, uma daquelas sopas de fartar um regimento.

O criado voltou pouco depois com o prato requerido; o freguez rapou da concha mas, ao deitar a sopa no prato, teve um olhar desiludido de profunda decepção.

A sopa não correspondia em nada á sua fantasia; era pelo contrario muito aguada, sem qualquer condimento, sem a grossura suculenta que ao pedi-la imaginara.

Estão, voltando-se para o criado, que esperava as ordens sobre o prato seguinte, o freguez murmurou num desalento:

— Isto vem muito aguado. Olhe, leve para dentro e peça ao senhor boi que faça o favor de meter aqui o rabo mais duas ou três vezes, pelo menos.

## ALEGROS

Este ano não foram vistos os perús pelas ruas...

O comandante Amaral, como sabem, tem das suas, e ha tempos, num edital, deu ordem para que as perúas recolhessem ao casal, não as querendo ver nas ruas.

Tal ordem — logo o supuzi — deixou as perúas em braza e por isso, este ano, os perús encolheram monco e aza, entristecidos, lúlús, e não saíram de casa.

Dessa gostosa carninha este Natal se jejua, fazendo a Festa mesquinha; por isso alguém insinua que o pobre do alfacinha, quando lhe tiram a perua, anda sempre com gatinha.

João Triste.



— Este vinho não se pode beber, chama o chefe da mesa.  
— Para quê? Ele ainda ontem dizia o mesmo.

FUME SUNRIPE

# VERDADEIRO MILAGRE

O Freitas ha muito que vivia na pensão da D. Engracia. Primeiro calxeiro da «Retrozaria das Elegancias», sem familia, — tinha um tio tabelião em Arganil — habituara-se ao ramão quotidiano e vivia contente e bem disposto.

Almoçava, jantava, e em seguida ficava á mesa a ler o jornal, indo depois deitar-se. Assim passava os dias. Aos domingos, depois de vir do foot-ball, jantava apressado e ia ao Coliseu ver os equilibristas ou ao cinema admirar uma «filma» do Polo ou da Constance Talmadge.

Ao balcão, o seu ar permanentemente prazenteiro grangeara-lhe simpatias; a D. Eusebia, que comprava, na casa, algodão perlé ha dezoito anos, fazia-se acompanhar, nas idas ao estabelecimento, da Mimi, seu gentil filha de dezenove esplendidas primaveras, com uns olhos de tentação e um corpo de harmonia impecavel.

E daí nascera o namoro.

Ultimamente, o Freitas, mal acaba-

va de digerir o cachuço frito com azeitonas, da mesa da D. Engracia, engulia precipitadamente o café e já não lia o jornal: — ia tomar gargarejos sob o alpendre da Mimi.

\* \* \*

Chegara a vespera do Natal. Ao almoço, a D. Engracia prevenira:

— Olhem que logo ha pato com arroz e farofias. Não faltem!... O jantar é a *modos de ceta*; é mais tarde, ás onze horas.

E tinham ido todos. O Esteves da papelaria, o Martins da casa de feragens, o Lopes escrivano, o Alexandre da drogeria, o Simplicio da casa de penhores e o major Segismundo, da reserva do 3. O Freitas tambem lá estava.

O jantar decorrera animado — o Lopes trouxera vinho espumante e as farofias da D. Engracia tinham agradado em cheio.

Já se bebia o café; fumava-se, contavam-se anedotas e o major, de fa-

ces avermelhadas, relembra os tempos de fileira. Até que o Freitas, animado pelas libações, se deixara envolver pelo misticismo da noite e exclamara, convicto:

— Eu quero ir pôr os meus sapatos na chaminé!

E, levantando-se da mesa, abalara corredor fóra até á cosinha, a pedir autorização á D. Engracia para depositar os seus sapatos amarelos na lajeira ainda quente.

\* \* \*

— Sr. Freitas! Oh senhor Freitas! Acorde!

Era a D. Engracia a abanar o Freitas no leito do seu quarto.

Extremunhado, o Freitas sentia-se na cama, esfregando os olhos e perguntando:

— Que dia é hoje?...

— 25, dia de Natal!

— Hoje a loja está fechada.

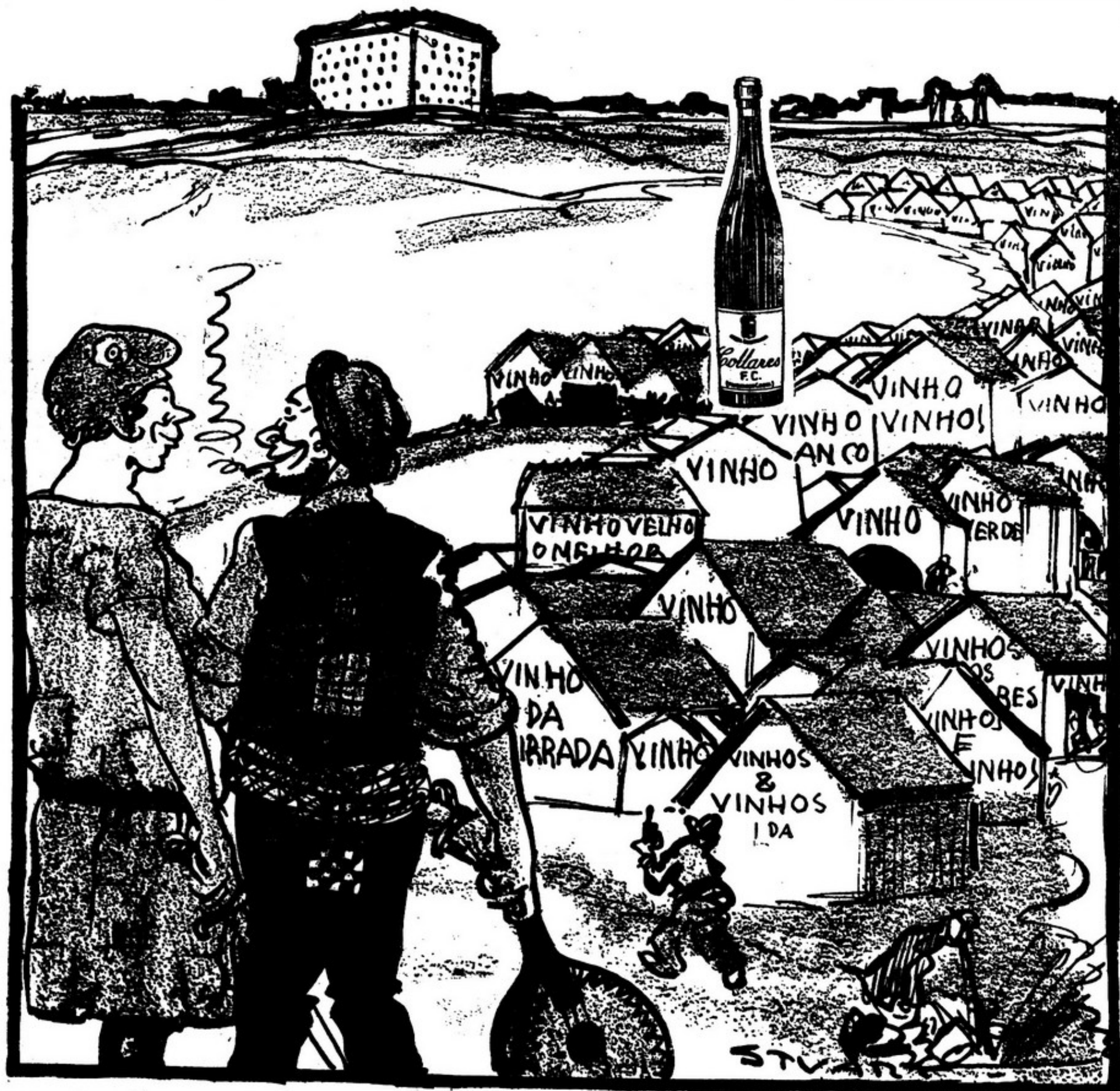
— Não é isso; é para ver o presente que lhe deu o Menino Jesus!... E

a D. Engracia apresentou-lhe, premidos nas pontas dos dedos e muito juntos, os seus sapatos amarelos, deixados, na vespera, na chaminé. Dentro dum deles destacava-se um envelope de papel vegetal. Freitas abriu-o e deparou com um retrato da D. Eusebia com a seguinte dedicatória: «Eusebia Mesquita deseja as boas-festas ao seu futuro genro e oferece-lhe a sua fotografia».

Como o retrato da D. Eusebia ali fóra parar não sei dizer. O que é certo é que o Freitas, ainda extremunhado pelo sono, deparando com a caranca da sogra que Deus lhe reservava, pensara maduramente e só então nos perigos do matrimonio e decidira acabar o namoro com a Mimi.

O Menino Jesus obrara n'isto um milagre: — livrara um inoite das garras ferozes duma sogra.

Cepa Torta



Vinhos ha multos, mas de todos os melhores são os:

**COLARES F. C.**  
(FRANCISCO COSTA)

# O NATAL DOS POBRES

## QUE IRONIA!

O Natal dos pobres!

Dos pequeninos!

Crianças com frio por essas ruas, vão passando na noite de Natal... enquanto os ricos dentro das suas casas ceiam, recostados em ricas cadeiras, riem e divertem-se... não se lembrando sequer que algum daquele dinheiro, gasto egoistamente, a levar a alegria a muito lar desgraçado!

O Natal dos pobres!

Que ironia! Antigamente todos, todos sem excepção, o pobre, o pobre mais pobresinho, tinha a sua noite de Natal, uma ceia *diferenciada*—como eles diziam.

Hoje, que nem conseguem ter com que comprar pão, nos outros dias do ano, fazem por se esquecer que é o dia em que a maldade dos ricos mais se faz sentir.

As mães, para que os filhos não sintam tanto a fome, percorrem as montras enfeitadas, e enquanto os olhinhos das crianças se fixam deslumbrados em tanta e tanta coisa linda, que nunca viram em sonhos, as mães choram amarguradamente, pensando que tudo aquilo fará a felicidade dos seus filhos, como os casacos e peles os defenderiam do frio imenso que passam todos os invernos, sem que os beijos com que os cobrem, os possam aquecer.

Como as iguarias que as lojas apresentam, matariam a fome de todo o ano, nesses corpitos esqueléticos e enfesados!

Como esse calçado, de mil feitios, aqueceria os pésinhos enregelados dentro das alpergatas esburacadas.

É a mãe, atreve-se, então, ela que nunca pediu... a estender envergonhadamente... a mão!

E com o dinheiro da esmola vai, como louca, comprar, não o pão com que lhe mataria a fome, nem a roupa com que lhe aqueceria o corpo, mas um brinquedo, para que um raio de sol, ilumine aquela alminha de criança e um sorriso de felicidade lhe alegre o rosto...

E' preciso que o filhinho não comece tão cedo a sentir a injustiça do destino...

A pobre mãe não quer ouvir a pergunta sangrenta:

—Mãe, se eu não fiz maldades, porque é que o Menino Jesus não me dá um brinquedo, daqueles grandes, como faz aos outros?

O Natal dos pobres!...

Dos pequeninos!

Que ironia!...

A. de A.



## O QUE NÓS QUERIAMOS!



O POVINHO



O POLITICO



AMENINA



O RAPAZ



O BANQUEIRO



A COCÓTE



PARÁBOLA

O burro prodigo

Um certo homem tinha um filho e um burro. O homem era rico em haveres e o filho era mais teimoso de que o jumento.

Um dia, o burro sentiu na orelha o roçar de um espirito que lhe dizia: — «Um animal não é de pau!»

E, muito filosoficamente, o burro sentenciou:

— Fique vossoria com a sua fala e o vosso filho com a minha albarda, que eu vou zurrar e espalhar por toda a parte o sagrado direito da liberdade e da pandega.

O homem ficou a contar os seus haveres, o filho continuou a cavar e o burro cavou com as suas quatro patas, disposto a divertir-se pelo mundo fóra.

Como era burro, não soube governar-se, tal qual o que acontece aos filósofos, viu-se em sérios embaraços e acabou por passar muita fome.

Disposto a não morrer, começou a zurrar numa estrada, procurando oferecer os seus serviços. Naturalmente ninguém lhe ligou nenhuma: «Sei lá donde veio este burro, este pedaço de asno» — exclamavam os viandantes.

Então o pobre burro, arrependido, decidiu voltar á fazenda de onde fugira. E o burro pensava: «O filho do meu dono, que é um palerma, a comer muito bem, e eu aqui a passar larica... Não pode ser...»

O dono, assim que viu o seu burro, chorou de alegria e acreditou num milagre.

O burro, arrependido, de cabeça baixa, olhava para um pedaço de pão e para uma tijela com agua, como querendo dizer:

— Já não sou o vosso burro. Sou um indecente papo-seco. Não tenhas por mim consideração. Não me des sopas de vinho, nem palha boa. Dá-me agua do Alviela, e pão da moagem, porque eu preciso morrer.

O dono, olhando tão belo arrependimento, mandou preparar em casa rija festa. Quando o cheiro da petisqueira era mais intenso, ouviu-se um escouçar furioso.

— Que é isto? — exclamavam o dono e os creados. — Então o burro perdeu a cabeça?!

— Senhor! — informou um outro creado mais expedito. — E' vosso filho que dá pontapés nos moveis, imitando o burro. Diz que não se compreende que nunca se lhe tivesse feito uma tão grande festa e que esta foi feita a esse buror estroina.

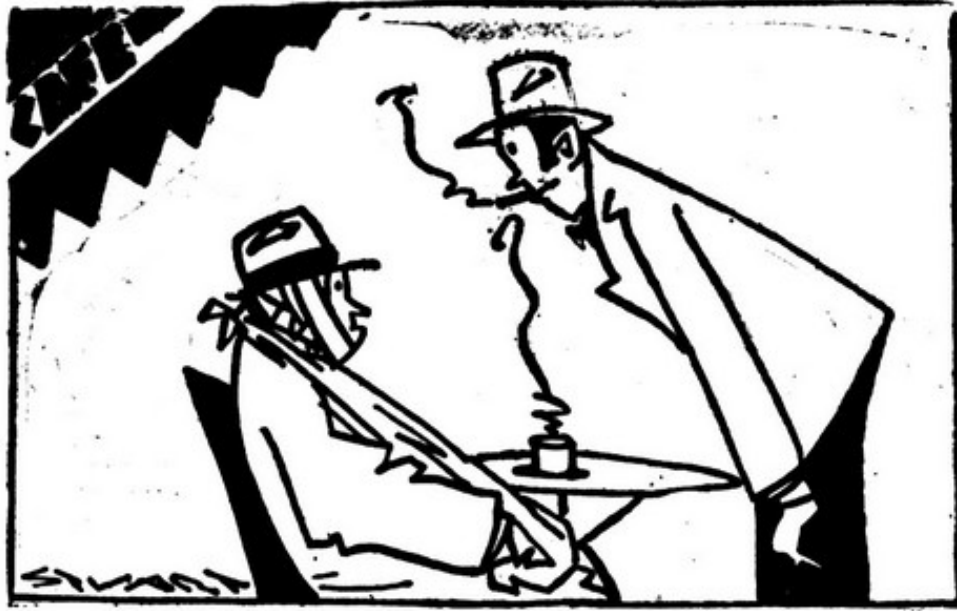
Então o pai exclamou: — Cala-te, filho. Não sabes o que dizes. Mais vale um burro estroina e arrependido do que um filho palerma e invejoso.



Donde é que fala?  
E' do C. 607.  
Sapataria Londões, da R. de S. Nicolau, 24.

Os meus sapatos já estão prontos? Não se esqueça de os mandar porque são para uma «soirée».

**SONES GRANDEST**  
só o PINA as vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77



— Foste tu que interpretaste o papel de «O escritor á força»?  
— Porque pergunta isso?  
— Porque sim...



— Então o que vem a ser esta revolução...  
— E' porque a farinha "Nutra, já acabou e a creada esqueceu-se de o trazer.

QUEREIS DINHEIRO?



JOGAI NO

Lama

RUA DO AMPARO, 51 - LISBOA - TELEF. T.º 3020

Festa do Natal

Um peru com vasta cultura literaria

Chega o Natal e já, de ha muito, se veem nas montras as bróas e os bôlos-rei, que, desde que a Republica aboliu de Portugal os monarcas, se anticipam na sua visita, parece que em sinal de protesto, porque a verdade é que no tempo da Monarquia ninguem os topava antes do dia 6 de Janeiro, a data tradicional dos Reis Magos.

Dos perús já ninguem dá noticia. O seu poiso do Largo de S. Domingos mal chega para os automoveis atropelarem o desgraçado transeunte que ali se atreve a passar a qualquer hora do dia! A frase «comer o peru» deixou de ter a retumbancia que em anos passados teve.

Como os touros que veem para o Campo Pequeno, os perús, esses animais perigosos, são conduzidos enjaulados desde as terras saloias até ao solar da Praça da Figueira. Lá fomos ontem para conversar com um peru qualquer. Fomos feliz na entrevista porque logo deparámos com um elegante exemplar que festivamente nos saudou com o seu *glú-glú* satânico, mixto de linguagem e de canto de menina premiada do Conservatorio... E começámos:

— Não calcula, amigo peru, quanto nos penalisa a sorte que lhe deram, metendo-o aqui nesta Praça da Figueira, que só se pode ser grata por lhe recordar os figos moscateis que você debicou nas hortas de Loures e Povoa de Santo Adriaõ.

O peru, visivelmente comovido, deixando rolar pelas faces marmoreas uma lagrima celeste, ingenua e luminosa, titubeou este desabafo:

— Quando antigamente o Rossio era risonho e franco, quando debaixo da quella arcada do Teatro Nacional se passava a noite bem, podia um peru, que não tinha coleira e não pageva imposto, acostumado ao vento e acostumado ao frio, exhibir o *baton* da sua crista hieratica e fitar confiante a liberdade que lhe legara o sr. D. Pedro IV com a carta de alforria. Mas hoje tudo mudou. O vereador municipal austero e conciso atirou-nos para as lojas dos galinheiros, sujeitos á compressão dos outros bichos, pobres aves metidas sem dó na gaiola! E, se fosse só isso, mas com esta mania que anda agora da moralidade temos que fazer tudo por razão. Calcule o meu amigo que nem nos deixam estar juntos, os perús, de regiões diferentes. Desde que dois colegas meus, um de Pintões e outro de Fanhões, foram julgados no Torel dos Perús, que é ao pé do sitio onde levam as galinhas, a beber agua, nunca mais permitiram grandes aglomerações.

— Mas isso é humilhante! — acrescentámos.

— Então o que quer, *dura lex, sed iustiz!* — atalhou o nosso amigo. — Tambem, quem nos levar ha de pagar bem.

Nesta altura, o peru já não tinha o monco caído. Estavamos encantados com a entrevista. Disparámos mais umas perguntas:

— Quanto tempo é o percurso, actualmente, da Malveira?

— E' muito variavel, conforme se vem de carrocmetro ou de pedimetro.

— Tem-se dado bem na Praça da Figueira?

— O melhor possivel. Apenas um ligeiro equivoco. Avisaram-me de que o galinheiro estava com uma perúa. Como a minha mulher me tinha fugido, julguei que fóra ele que m'a roubara. Afinal o galinheiro estava mas era bêbedo. E quando, no meio da exaltação de tornar a ver a minha esposa, o monco e o rabo estavam já levantados, outro remedio não tive senão deixá-los cair de novo...

Estava terminada a entrevista. Apertámos a mão ao nosso amigo, que nos disse ao ouvido:

— Não diga que falou comigo. Uma conversa com o Peru, neste momento, pode trazer alguma complicação internacional. E eu quero ver se ainda escapo deste Natal, para ver o resto da iluminação da cidade!

# ECONOMIA PARA O NATAL DE 1928

DEPOIS DE QUE ACABOU O PE' DESCALÇO JA SE NÃO PODE SER MENINO JESUS EM PORTUGAL

AVIS RARA APANHADA EM LISBOA NO ANO MCMXXVIII



FOI PRESO POR ANDAR A CANTAR

MAQUA UM BICHO PERUANO



A LEI E AMARAL QUE ACABOU COM AS PERUAS FEZ RAREAR, POR SUA VEZ, OS PERUS - (ESTA É A EXPLICAÇÃO MAIS LÓGICA DO DESAPARECIMENTO D'ESSES BÍPEDES)



O DIA DA FAMILIA

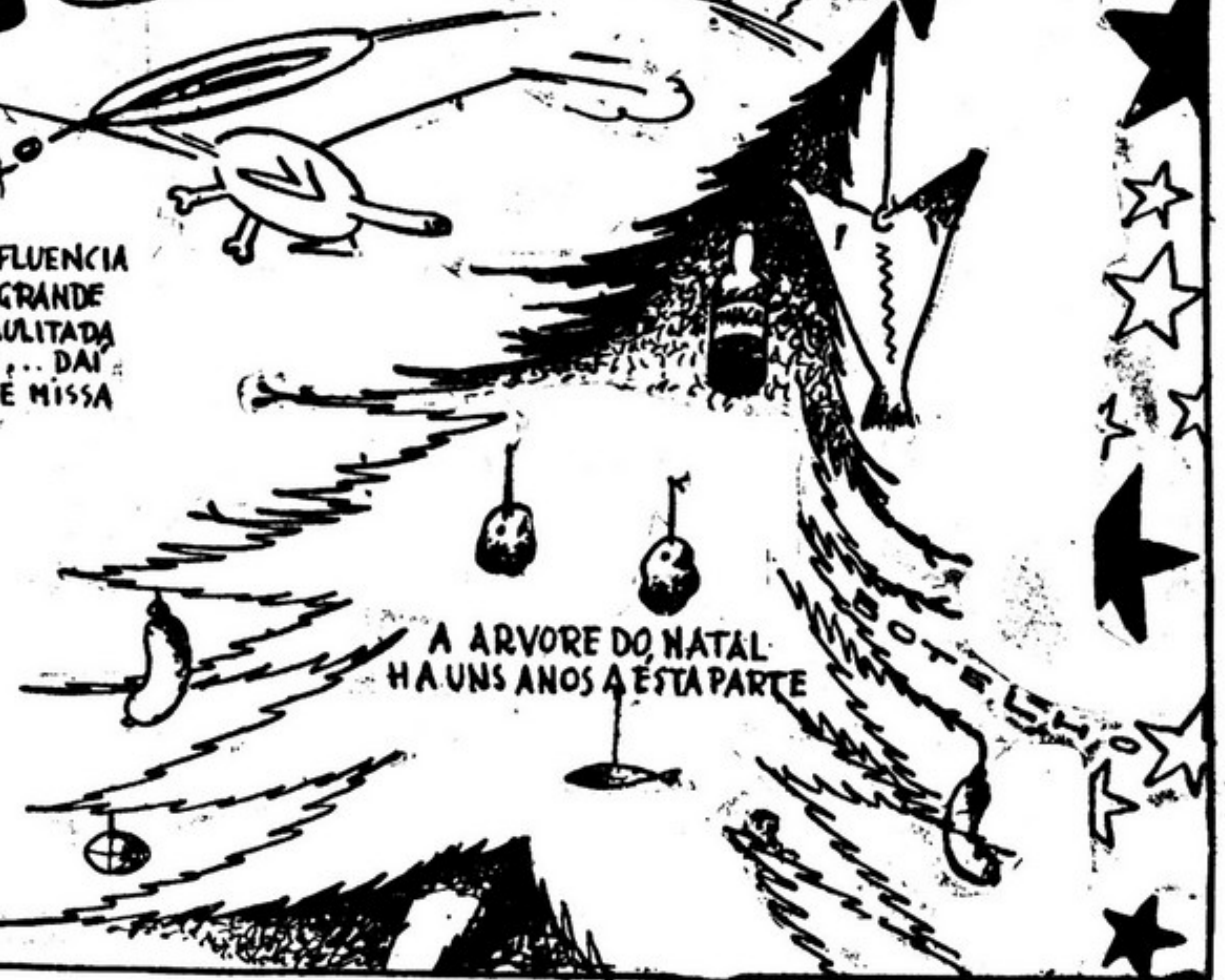
- A - SOGRA
- B - GENRO
- C - NORA
- D - SOGRO



A MISSA DO GALO



PORVEZES A AFLUENCIA A MISSA É TÃO GRANDE QUE HA TRAILITADA QUE FERVE... DAI O CHAMAR-SE MISSA DO GALO



A ARVORE DO NATAL HA UNS ANOS A ESTA PARTE